

GLAUBER ROCHA

Uma câmera na mão e uma idéia na cabeça! Era só isso mesmo?

Em 1971, antes de embarcar para o exílio em Portugal, Glauber Rocha entregou para a Cinemateca Brasileira, um armário com gavetas repletas de cartas, manuscritos, recortes de jornal e outros documentos pessoais. Uma década depois, Josette Monzanni descobriu que, desse arquivo pessoal do cineasta, constavam três roteiros, até então totalmente desconhecidos, do filme *Deus e o Diabo na Terra do Sol* (1964). Reunidos com as duas primeiras versões (uma das quais publicada pela editora Civilização Brasileira em 1965), a série de roteiros foi analisada pela professora do Departamento de Artes e Comunicação da UFSCar, no livro *Gênese de Deus e o Diabo na Terra do Sol* (Editora Annablume/Fapesp, 2006).

“Glauber trabalhou nesses roteiros entre 1959 e 1963, preocupado com a criação de uma estética cinematográfica e de uma mensagem política que fossem verdadeiramente revolucionárias”, afirma Monzanni. Ao analisar o processo de preparação dos roteiros, o livro questiona o mito do improvisado suscitado pela máxima conhecida do diretor – “uma câmera na mão e uma idéia na cabeça” – assim como a imagem de Glauber como um gênio meio maluco. Monzanni lembra que os roteiros refletem um processo minucioso de planejamento do filme pelo cineasta, que realizou várias viagens



Cena do filme *Deus e o Diabo na Terra do Sol* de 1964

pelo sertão nordestino e fez pesquisas rigorosas sobre o cangaço. “Durante o período em que trabalhava nesses roteiros, Glauber dirigiu seus dois primeiros filmes – *O pátio e Barravento*. Essas experiências cinematográficas resultaram numa melhoria técnica dos roteiros de *Deus e o Diabo*”, explica a pesquisadora. Através dos roteiros foi possível também acompanhar a construção de cada personagem do filme. Foi assim que Antônio das Mortes, de simples tenente, foi se transformando na figura emblemática do jagunço matador.

Gênese de Deus e o Diabo na Terra do Sol é fruto da dissertação de mestrado de Monzanni defendida, em 1992, na PUC-SP, sob orientação de Arlindo Machado e Haroldo de Campos. Monzanni optou pela abordagem da crítica genética. A pesquisadora ressalta que, diferentemente da literatura (mais comumente abordada por essa área de estudos), a linguagem cinematográfica exige, do pesquisador, a consideração de elementos como a construção de planos-sequência e a montagem do filme, previstos, como no caso de Glauber Rocha, ainda no roteiro.

“Por isso, mantive a parte metodológica da dissertação bastante explícita no livro: para que ele também seja utilizado como um manual por aqueles que quiserem trabalhar na área de crítica genética de roteiros cinematográficos”, explica a autora.

Carolina Cantarino

IMAGEM E SOM

Colóquio abordará crítica genética do audiovisual

De 22 a 24 de março, o Departamento de Artes e Comunicação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) realizará o colóquio Estudos Contemporâneos do Audiovisual. A conferência de abertura será de Ismail Xavier, crítico de cinema e professor da Escola de Comunicação e Artes (Eca) da USP. Quatro mesas-redondas estão previstas com professores do departamento, convidados e abertas para o público. Os temas abordados serão “Narratividade audiovisual” – incluindo crítica genética ligada ao audiovisual, especialmente cinema e vídeo – e “Histórias e políticas do audiovisual”. Essas serão, também, as linhas temáticas que irão integrar o Programa de Mestrado em Imagem e Som que está sendo criado pelo departamento: o pedido de reconhecimento já foi encaminhado a Capes e espera-se que a primeira turma tenha início em 2008.